

S. PERO GONÇALVEZ, O.P., O «CORPO SANTO» E GIL VICENTE

Frei Pedro González, da Ordem dos Pregadores, morreu em 1246, no dizer da *España Sagrada* (1). E o mesmo vem noutros escritores (2). Porém, Frei Diogo do Rosário traz 1240 (3), não sabemos se por engano. Para o nosso fim, tem pouca importância o ano exacto da morte.

Em Portugal, no séc. XVI, escrevia-se habitualmente Pero Gonçalves (4) e não Pedro González. Empregaremos a grafia usada por Gil Vicente (Pero Gonçalves) e poremos S. antes do nome, pois assim vem nos *Flos Sanctorum* do séc. XVI: *A vida de sam Pero Gonçalves* (5); *História da vida do bēaventurado sam Pero Gonçalves, da ordē dos preegadores...* (6). Aliás, ainda hoje, na igreja do Corpo Santo, em Lisboa, se venera uma imagem sua.

Nem tudo está averiguado na sua vida, embora saibamos o essencial. O português D. Gil Peres (ou Pires) de Cerveira († 1274), bispo de Tui a partir de 1254 (7), mandou escrever, em

(1) *España Sagrada*, t. 23 (Madrid, 1767) p. 143.

(2) Cf., por exemplo, JORGE CARDOSO, *Hagiolégio Lusitano*, t. 2 (Lisboa, 1657) p. 564.

(3) FREI DIOGO DO ROSÁRIO, *História das vidas e feitos heroycos e obras insignes dos sanctos...*, t. 1 (Coimbra, 1577) fl. 211v.

(4) GIL VICENTE, *Copilaçam de totalas obras...* (Lisboa, 1562) fl. 179v.

(5) *Ho flos sanctorum em lingoajē portugues* (Lisboa, 1513) fl. 253.

(6) FREI DIOGO DO ROSÁRIO, *História das vidas e feitos heroycos e obras insignes dos sanctos...*, t. 1 (Coimbra, 1577) fl. 209 (no mês de Abril).

(7) EUBEL, *Hierarchia Catholica Medii Aevi*, t. 1 (Munster, 1913) p. 501.

latim, a narrativa dos milagres de Frei Pero Gonçalves. Publicou-os Flórez, embora de um manuscrito mutilado, só com 126 casos ⁽⁸⁾. Não faltam, nesta lista, pormenores interessantes, inclusive os nomes dos miraculados, se nos permitem a palavra, terras da sua naturalidade e, às vezes, os nomes das testemunhas que garantem a verdade dos factos. S. Antonino de Florença († 1459) afirma que tal colecção foi apresentada no capítulo geral de Tolosa, da Ordem dos Pregadores, no ano de 1258 ⁽⁹⁾.

Milagres (*miracula*) no sentido lato da palavra, muitas vezes. Quer dizer, graças mais ou menos extraordinárias — e Deus sabe se todas contadas com objectividade, embora não possamos negar, em geral, a sinceridade das pessoas.

Nesta colectânea, lemos o nome exacto do santo: «per Venerabilem virum Fratrem Petrum Gunsalvi Ordinis fratrum Praedicatorum». Telmo é coisa que lá não vem. E ficamos a conhecer também a zona da sua influência espiritual, depois da morte, sobretudo a diocese de Tui e parte da província do Minho.

Inegável o valor deste documento para a história das peregrinações medievais, na Península Ibérica. Chegavam romeiros de perto e de longe: um galego de Vigo, com a promessa de uma mão de cera, leprosos, aleijados, pessoas de espírito alucinado pela demência, etc. Uma vez mais, verificamos o costume de, à hora da morte, voltarem o rosto dos agonizantes para o Oriente ⁽¹⁰⁾. Porém, não aparece aqui nenhum homem do mar, por a lista estar mutilada, julgamos nós. Passemos, por conseguinte, à *Legenda Beati Petri Confessoris, Ordinis Praedicatorum* ⁽¹¹⁾.

Tal biografia, mutilada para o fim, provém de um legendário ⁽¹²⁾ da Sé de Tui ⁽¹³⁾ e deve ter sido escrita pouco depois da morte do santo. Com efeito, diz que *nestes últimos tempos* cresceram os homens em maldade. Deus, porém, suscitou santos para

(8) *España Sagrada*, t. 23 (Madrid, 1767) pp. 263-285.

(9) *Ib.*, p. 148. O mesmo afirma GERARDO DE FRACHET, O. P., *Vitae Fratrum*, parte 5, cap. 9.

(10) *Ib.*, pp. 280-281.

(11) *Ib.*, pp. 245-281.

(12) Sobre este termo, cf. DU CANGE, *Glossarium*, em *Legenda*: «Legendarius, Liber acta Sanctorum per anni totius circulum digesta continens, sic dictus, quia certis diebus *legenda* in ecclesia et in sacris synaxibus designabantur a moderatore Chori».

(13) *España Sagrada*, t. 23 (Madrid, 1767) p. 131.

remediar tamanhos pecados. Dentre eles, o mais recente e glorioso fora Frei Pero Gonçalvez, rebento salutar da florescente Ordem dos Pregadores ⁽¹⁴⁾.

O facto de a legenda ser escrita por um contemporâneo do S. Pero Gonçalvez não basta para acreditarmos nela, sem exame crítico, pois a lenda começa já na vida dos homens. Contudo, mesmo a narrativa de um facto hagiográfico lendário pode estar na base do desenvolvimento de tal ou tal forma de devoção.

Ora bem, na legenda sobredita, vemos o milagre do óleo que saía do sepulcro de S. Pero Gonçalvez, para espanto de um capitão ou mestre de navio — *navis cuiusdam magister*. E este declara ter assistido a grandes maravilhas do santo no mar ⁽¹⁵⁾! Estamos no começo da devoção dos mareantes a S. Pero Gonçalvez e isto, sim, já entra em cheio no assunto que temos entre mãos, assim como outros casos desaparecidos do legendário da Sé de Tui.

Dizemos *desaparecidos*, por também a sobredita vida estar incompleta, no manuscrito tudense. A versão desta vida, no *Flos Sanctorum* de 1513 ⁽¹⁶⁾, encontra-se igualmente mutilada para o fim. Porém, já não sucede o mesmo à biografia por S. Antonino de Florença, posta em português por Frei Diogo do Rosário ⁽¹⁷⁾.

Tal biografia coincide substancialmente com um apógrafo latino da legenda primitiva (digamos assim), encontrado por Flórez na confraria de S. Pero Gonçalvez em Baiona, apógrafo completo, ao contrário do manuscrito tudense.

Além do caso do capitão ou mestre de navio, acima contado, fala-nos a versão portuguesa do milagre do menino de Santarém e traz a história do marinheiro caído ao mar, do cimo dum mastro:

«Hum marinheiro, sobindo hũa vez aa gávea da nao, veio grande vento e lãçou o no mar. Neste tamanho perigo, chamou por sam Pero Gonçalvez com grãde devação, porque a nao se

(14) *Ib.*, p. 245.

(15) *Ib.*, p. 262.

(16) *Ho flos sanctorum em lingoajẽ portugues* (Lisboa, 1513) fls. 253 e ss.

(17) FREI DIOGO DO ROSÁRIO, *História das vidas...*, t. 1 (Coimbra, 1577) fls. 209-212v.

alongava muito delle, e logo lhe appareceo o sancto no hábito dos frades preegadores (como muitas vezes apparece) e lhe disse: *Eisme, aqui, pois me chamaste, nã temas, filho muito amado*; e logo o tomou pola mão direita e o pos na nao. Depois appareceo aos que hiam nella visivelmente e tornou a desaparecer» (18).

E mais adiante, lemos as seguintes linhas, em torno do fogo de S. Telmo ou, como pensa o hagiógrafo, em torno da aparição de Frei Pero Gonçalves aos mareantes: «Hūs marinheiros, que hiam polo mar, vendose muy atribulados pola grande tormenta que padeciam, chamaram por elle e logo lhes appareceo e livrou-hos daquelle perigo» (19).

Existia, pois, uma base antiga para a devoção dos embarcadiços, no meio dos temporais, identificando um simples fenómeno metereológico de luminosidade neste ou naquelle sítio do barco com o vulto do próprio santo, vestido de dominicano. O próprio Gerardo de Frachet, nas *Vitae Fratrum*, já prontas em 1259, refere o caso acima apontado da aparição de S. Pero Gonçalves aos marinheiros.

Ainda assim, tal identificação nem sempre se restringia a S. Pero Gonçalves, fora e mesmo dentro de Portugal, pelo menos até meados de quatrocentos.

Na verdade, conta-nos D. Afonso X, o Sábio, nas *Cantigas de Santa Maria*, que, no mar da Bretanha, navegava um barco batido pela tormenta. Então, os mareantes, por conselho dum santo abade, invocaram Nossa Senhora, em altos gritos, e logo viram «mui gran lume» no cimo do mastro — e o mar acalmou. A luz enigmática era, neste caso, o sinal do socorro da Virgem Maria, amparo dos aflitos.

Vem este «milagre» na cantiga 36: *Esta é de como Santa Maria pareceu no maste da nave, de noite, que ya a Bretanna, et a guardou que non perigoasse.*

E mesmo em Portugal, embora os marinheiros mais rudes dessem um significado mais ou menos sobrenatural ao eflúvio

(18) *Ib.*, fl. 212. O sublinhado é nosso.

(19) *Ib.*, fl. 212v. Cf. também GERARDO DE FRACHET, O. P., *Vitae Fratrum*, parte 5, cap. 9.

luminoso na ponta dos mastros ou nas gáveas, durante a tempestade, nem sempre pensavam em S. Pero Gonçalves.

Com efeito, nos milagres de S. Veríssimo, S. Máxima e S. Júlia, diz-se que uns pescadores algarvios, no meio do temporal, invocaram os sobreditos mártires «e logo em essa ora virom huía candeia sobre o mastro; e quanto mays ventava tanto mayor lume dava, por que a nocte era mui çarrada»⁽²⁰⁾.

Nenhum deles, ao que parece, pensou em S. Pero Gonçalves, mas, sim, nos santos martirizados em Lisboa.

Apesar disso, em Portugal, pelo menos durante o séc. XVI e entre o povo, «o lume vivo / que a marítima gente tem por santo»⁽²¹⁾ identificava-se com a aparição de S. Pero Gonçalves ou, quanto mais não seja, com um sinal da sua protecção. E temos disso vários testemunhos, entre eles os de Frei Luís de Sousa († 1622), Diogo do Couto († 1616) e do seu contemporâneo Frei João dos Santos.

Como escreve Frei Luís de Sousa, «S. Pero Gonçalves, em sendo chamado, acode logo com luz, como em penhor de sua assistência, a qual enche de esperança os afligidos, tão certa que logo se dão por remediados e salvos, por grande que seja o trabalho. E não há homem que possa dizer que, depois de visto o santo forol, fizesse naufrágio. He este forol hum lume como de huma vela, o qual toma lugar certo na nao: ora aparece sobre os mastos, ora nas gávias, ora nas antenas, e às vezes sobre lugares mais baixos dos navios; e o ordinário he não se ver senão em tempestades de grande perigo. Tanto que aparece, logo toda a nao lhe dá as graças com grita e alegria, dizendo: *Salva, Corpo Santo!*; porque, na linguagem ordinária dos mareantes Portugueses, por este nome de Corpo Santo he conhecido S. Pero Gonçalves. E com este título lhe são dedicadas algumas Igrejas e muitas capellas, altares e confrarias. E assi como entre nós cá no mar Oceano tem este appellido, no mar Mediterraneo e entre os Italianos he conhecido polo sobrenome,

(20) MÁRIO MARTINS, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média* (Lisboa, 1957) p. 189; IDEM, *A legenda dos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, do cód. CV/1-23 d., da Biblioteca de Évora*, sep. da «Revista Portuguesa de História», t. 6 (Coimbra, 1964) p. 46, milagre núm. 10.

(21) CAMÕES, *Lusíadas*, V, 18.

que he Telmo; e chamão-lhe lá os marinheiros San Telmo, e com este faz d'elle memória hum celebrado Poeta seu, dizendo: *Il desiato fuoco di San Telmo*» (22).

Frei Luís de Sousa não cria, de ânimo leve e sempre, no carácter sobrenatural de tal fenómeno, pois acrescenta: «Não ignoramos que, segundo as regras de boa filosofia, podem proceder de causas naturaes alguns fogos que se vem em noites tempestuosas sobre os mastos e antenas das naos». Contudo, acentua ele, a um fenómeno natural pode ligar-se um significado sobrenatural. «Quanto mais que he cousa certíssima que muitas vezes se deixa ver o mesmo Santo em sua própria figura, como em dous exemplos mostramos atrás. E o que excede todo encarecimento do muito que elle val com Deos e nos prova, com evidência palpável, serem estes lumes miraculosos e sobre a natureza, he que, depois de desaparecidos, ficão muitas vezes sinaes e reliquias de cera, que ardeo em cima das gáveas e em outras partes em tempo do perigo. E conhecemos em Lisboa hum Piloto da carreira da Índia que com veneração e devação mostrava hum barrete bem sinalado de pingos de cera verde, que affirmava recebera n'elle, tendo-o na mão, quando em meio da tempestade salvava o lume santo, que polo alto aparecia. E na cidade de Lagos, no Reino do Algarve, he fama pública que, em hum templo do Santo, que ali há, onde he venerado com nome de Corpo Santo, aparece muitas vezes em noites de inverno hum lume muito claro e resplandecente, que não sòmente se deixa bem ver mas alumia parte do curucheo; e como he visto, se lhe faz salva com repiques de todos os sinos da cidade; e affirmão que, passada a tormenta, se tem achado sobre o curucheo muitos sinaes de cera ardida» (23).

Não vamos agora rebater as interpretações de Frei Luís de Sousa. Do que ele disse, pomos em relevo a crença dos mareantes na aparição de S. Pero Gonçalves, durante a tempestade, e a devoção dos embarcações ao frade dominicano. Tão venerado que o arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, re-

(22) FREI LUÍS DE SOUSA, *História de S. Domingos*, t. 2 (Lisboa, 1866) pp. 92-93 (na parte 1, livro 4, cap. 29).

(23) *Ib.*, pp. 93, 94-95.

olveu tratar da sua canonização, passando para isso um documento assinado por ele e por várias pessoas eclesiásticas do clero secular e religioso, aos 27 de Agosto de 1592 ⁽²⁴⁾.

Neste documento ou «certidão», refere-se o prelado à *Confraria de S. Frei Pero Gonçalves Telmo, ou, como muitos dizem, do Corpo Santo*, assim como a outras confrarias do mesmo santo, acrescentando: *E n'estes Reinos, e em especial em Lisboa, nas Igrejas de S. Domingos, e Parochiaes de S. Miguel e Santo Estêvão de Alfama, e na Igreja das Chagas, e na ermida ou Capella do mesmo Corpo Santo, ha imagens, altares, capellas, oratórios e confrarias.*

Diogo do Couto fala-nos também da devoção dos embarcadiços portugueses ao Corpo Santo (*Salva, salva ó Corpo Santo*, exclamam eles) e explica tudo por causas naturais. Não se esquece, ainda assim, de registar os folguedos dos pescadores lisboetas, na festa de S. Pero Gonçalves, em que o levam «às hortas de Enxubregas com muitas folias, cargos de fogaças e outras interiores de alegria, e de lá o traziam enramado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor d'elle, dançando e bailando» ⁽²⁵⁾.

Por seu lado, Frei João dos Santos, na *Etiópia Oriental*, impressa pela primeira vez em 1609, parece ter inspirado um pouco Frei Luís de Sousa e possui o valor de testemunha ocular, contando ele mesmo como vira o Corpo Santo:

«A segunda noute da tormenta (que foi aos nove dias de Julho) estando nós bem atribulados e quasi desconfiados da salvação, a horas de meia noute pouco mais ou menos, nos appareceu o Corpo Santo em a verga do mastro grande, em figura de uma fáiça de fogo, muito clara e resplandecente, e d'alli à vista de todos se foi pôr sobre o mastro da mezena, onde o salvou o piloto da nao, da cadeira, em que estava governando, dizendo: *Salve, Corpo Santo, Salve. Boa viagem, boa viagem.* E toda a mais gente da nao, que presente estava, respondeu da mesma maneira: *Boa viagem, boa viagem*, com muitas lágri-

(24) *Ib.*, pp. 96-100 (na parte 1, livro 4, cap. 30).

(25) Diogo do Couto, *Década sétima* (Lisboa, 1782) p. 354 (livro 5, cap. 2). Na frase *outras interiores de alegria*, talvez falte alguma palavra.

mas de alegria. N'este logar esteve esta luz resplandecente um grande espaço de tempo, e d'alli desapareceu à vista de todos.

«Os mareantes d'esta carreira tem para si com grande fé que esta luz, que lhe apparece nas tormentas, é S. Pero Gonçalvez Telmo, natural de Palencia, cidade de Castella Velha, religioso que foi da ordem de S. Domingos, pelo qual ordinariamente chamam, quando se vêem opprimidos das tempestades, e o nomeiam ou por S. Pero Gonçalvez, ou por S. Telmo, ou por Corpo Santo, e muitas vezes lhe apparece n'esta figura de luz mui resplandecente, e então se têm por seguros [.....].

«No tempo que esta luz nos appareceu, vi um soldado, que presumia de prudente e exforçado, estar posto de joelhos na nao, diante d'ella, batendo nos peitos e dizendo com muitas lágrimas: *Adoro-vos, meu Senhor S. Pero Gonçalvez, vós me salvae n'este perigo, por vossa misericórdia*; repetindo isto muitas vezes. Eu e outro padre, que junto d'elle estávamos, lhe dissemos que aquella adoração só a Deus se fazia e se devia, e não aos santos, por tanto que orasse d'outra maneira. Ao que elle respondeu com outro maior despropósito, dizendo: *Meu Deus será agora quem d'este perigo me tirar*. Então o deixámos em sua porfia. O qual, o dia seguinte, já fora da tormenta, veio ter com cada um de nós, pedindo perdão e segredo no que tinha dito e feito a noute d'antes, confessando estar desatinado, com temor da morte» ⁽²⁶⁾.

Fixemos bem esta figura de portuguez a chamar pelo Corpo Santo no meio do temporal (a chamar, a chorar e a desatinar), para termos a realização histórica do que Gil Vicente, anos e anos atrás, fizera representar no palco, como se a vida imitasse o teatro.

O nome de Corpo Santo e as cenas de devoção dos mareantes, ao verem o fluido luminoso no meio das tempestades, surge com bastante frequência nas cartas dos jesuítas a caminho da Índia. E as referências a S. Telmo parecem-nos em geral de estrangeiros ou de influência estrangeira.

Numa carta de Cochim, a 5 de Janeiro de 1561, o P.^o Manuel

(26) FREI JOÃO DOS SANTOS, *Etiópia Oriental*, t. 2 (Lisboa, 1891) pp. 176-178 (livro 2, cap. 19). O sublinhado é nosso.

Álvares, S. J., conta-nos o seguinte: «Apareceu o que elles dizem que hé o corpo santo, ao qual bradavão com tantos clamores, que era cousa espantosa, e eu me quis sertificar disto e nunca o pude bem ver; imaginava eu que o via huma ou duas vezes na gávea. Parece-me que ouvi de hum sábio, que tem isto por cousa natural» (27).

O jesuíta Pedro Fernandes (Mercado) chama-lhe *il beato Santelmo* (28) e afirma tê-lo visto claramente.

Noutra carta, desta vez em castelhano, datada a 23 de Novembro de 1564, refere-se aos gritos dos navegantes que bradavam: «Salva, salva, Cuerpo Santo, salva» (29).

Em 31 de Janeiro de 1566, o jesuíta espanhol Fernando de Alcaraz emprega a expressão usual na sua pátria: S. Telmo. Recorda, no entanto, o costume português de Corpo Santo: «apareció Sant'Elmo, que la gente de la mar llama Cuerpo Santo, en muchas partes, scilicet, en la mezena, peia, guavia y vela grande, y comiençan todos a gritar hincados de rodillas, llorando y pidiendo a Dios misericordia y al Santo ayuda» (30).

A gente menos ilustrada considerava, pois, o fogo de S. Telmo ou Corpo Santo como aparição do santo patrono dos mareantes e a ele se dirigiam directamente, rezando-lhe de joelhos, tal como nos marinheiros de Gil Vicente. Continuemos, porém, a falar do Corpo Santo e dos jesuítas a caminho da Índia.

Gaspar Dias, S. J., em carta de Goa, aos 30 de Setembro de 1567, fala-nos dum caso semelhante aos já narrados, e também com bastantes pormenores: «Apareceu aquella noite o corpo santo, a quem os mareantes tem grande devação e crédito e consolação, tendo por certo que, quando elle aparece, serão livres de semelhantes perigos. Commummente aparece nas gáveas, humas vezes como claridade de huma pequena candeia, outras como a de duas ou tres, e não aparece senão em tempo de grande trabalho. Eu o vi da varanda, estando deitando ao mar huma reliquia que o capitão me deu para isso. Conso-

(27) JOSEPH WICKI, S. J., *Documenta Indica*, t. 5 (Roma, 1958) p. 439.

(28) IDEM, *Documenta Indica*, t. 6 (Roma, 1960) p. 268.

(29) *Ib.*, p. 296.

(30) *Ib.*, p. 770.

lei-me por o desejo que tinha de o ver, por já aver aparecido outra noite de trabalho que arriba apontei» (31).

Agora, temos a correspondência de Martinho Ochoa, S. J., para S. Francisco de Borja, aos 12 de Dezembro de 1567: «fue visto, en cada vez, en algunas partes de la nao unas lunbrezillas que los marineros llaman San Telmo, la qual suele parecer en las tormentas de mar y tierra, a la qual viéndola los marineros todas tres vezes dixeron a grandes bozes: *Saalvanos, Qüerpo Santo.*» (32).

Volta e meia, a mesma exclamação angustiada, como prece aflita que se repete ao longo das navegações: *Salva-nos, Corpo Santo!* E o mesmo vemos numa carta do P.^o Domingos Álvares, S. J., para o P.^o Leão Henriques, S. J., datada de Goa aos 20 de Novembro de 1567. Conta-lhe a tormentosa navegação e nota as dúvidas de alguns acerca do carácter sobrenatural do tal fogo, embora os tripulantes e gente rude creia nisso a pés juntos: «À meia noite, em o fim da tormenta, appareceo o Corpo Santo; segundo o parecer de todos os mareantes, em o mastro da gávea, tres candeas se virão. Sobre o quarto da alva, appareceo outra vez; os marinheiros, postos de gíolhos, começarão a dizer com voz alta: *Corpo Santo, salva-nos!* E verdadeiramente se asi fora, era cousa de grande devação. Alevantou-se huma disputa entre os fidalgos e outras pessoas honrados, se era cousa natural. Os mais afirmavão que era cousa divina e miraculosa; somente quatro, de contrário parecer, diseirão ser cousa natural. Provavão isto por hum lugar de Virgilio, outro dava por rezão e provava ser natural porque tãobem isto aparece em as naos dos turcos e mouros. Preguntavão meu parecer. Respondi que a cousa era natural e procedia de cousas naturais; contudo algumas vezes podia ser milagre. Asi todos o tem por milagre e claramente dizião que a nao iria a salvamento» (33).

Para acabar, nomeemos ainda uma carta do P.^o Gomes do Amaral, S. J., escrita de Cochim a 1 de Janeiro de 1575: No

(31) IDEM, *Documenta Indica*, t. 7 (Roma, 1962) p. 282.

(32) *Ib.*, p. 408. O sublinhado é da nossa responsabilidade. Inútil acentuar que *tierra* e *Qüerpo* equivalem a *tierra* e *Cuerpo*.

(33) *Ib.*, pp. 366-367.

meio da tormenta, escreve ele, com água a alagar o barco, encomendavam-se todos a Deus, «os mariñeiros, por sua parte, salvando ho corpo santo, que tanta fee têm naquellas candeinhas que vêm, que em tal tempo não há cousa que mais os mova à devação que ellas» (34).

Por conseguinte, os mareantes ora saudavam alegremente o Corpo Santo, ora suplicavam que este os salvasse do perigo. E o verbo *salvar* funcionava ora num, ora noutra sentido.

O nome de Corpo Santo andava intimamente ligado à capela do mesmo nome, não longe do Cais do Sodré. Em muitos casos, porém, dizia-se S. Pero Gonçalves e todos sabiam do que se tratava.

Num alvará régio de 4 de Janeiro de 1514, para Garcia Moniz, o rei D. Manuel I prometia fazer vários melhoramentos na igreja da Conceição e em Santa Maria da Escada, ajuntando: «e quanto ao de Pero Gomçalves, nós proveremos sobre yso» (35).

Seria estranho que *Pero Gonçalves*, aqui, fosse um homem qualquer e não a capela do Corpo Santo, pois toda a passagem citada diz respeito a edificios do culto, empregando as palavras *Comçeïçom* e Santa Maria da Escada (sem mais nada) para designar igreja ou capela do mesmo nome.

Junto do Corpo Santo habitava bastante gente do mar (36) e no terreiro em frente da capela os pescadores costumavam enxugar as redes, *por doação muy antiga dos Reys de Portugal* (37). E nota o P.^o Carvalho da Costa que o nome da ermida, antigamente, era de Nossa Senhora da Graça, mas depois lhe chamaram do Corpo Santo «por estar nella a milagrosa imagem de S. Fr. Pedro Gonçalves» (38). Ainda hoje lá se encontra uma imagem antiga de S. Pero Gonçalves, não sabemos ao certo se a mesma.

(34) IDEM, *Monumenta Indica*, t. 9 (Roma, 1966) p. 551.

(35) ANTÓNIO BRÁSIO, *Monumenta Missionaria Africana*, t. 1 (Lisboa, 1952) p. 283.

(36) *Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El Rei Nosso Senhor ano de 1565*, t. 2 (Lisboa, 1947) pp. 222-223.

(37) ANTÓNIO CARVALHO DA COSTA, *Geografia Portuguesa*, t. 3 (Braga, 1869) p. 339.

(38) *Ib.*, p. 340.

Fixemos bem o nome de Nossa Senhora da Graça, junto ao de S. Pero Gonçalves, pois o encontraremos adiante, num auto de Gil Vicente, na boca dos mareantes.

No *Mapa de Portugal*, também o P.^o João Baptista de Castro refere-se, como ele diz, à ermida de *Nossa Senhora da Graça e S. Pedro Gonçalves*. Observa que o terramoto de 1755 a deixou como estava e escreve: «Os homens marítimos festejão com muita solemnidade a Imagem de S. Pedro Gonçalves, que aqui se venera, sahindo desta Ermida em dia de Nossa Senhora dos Prazeres com o Santo debaixo do Pálio, e correndo as hortas e ruas da Cidade com grande folia» (39).

Enfim, já antes o *Santuário Mariano* se referia dum modo especial à ermida de Nossa Senhora da Graça, no «sítio que em Lisboa se chama o Corpo Santo». Prevalece o nome de Corpo Santo, explica o autor, «por causa de se venerar nella huma Imagem de São Fr. Pedro Gonçalves, a que os marítimos e navegantes chamão Corpo Santo, e os Castelhanos S. Telmo» (40).

A tradição dos mareantes entrou na liturgia e decerto também nos sermões. E assim, na missa de S. Pero Gonçalves (41), lemos uma «prosa» latina em sua honra, donde transcrevemos o seguinte terceto:

Stellae hujus collaetantur
ductu Nautae, et salvantur,
cum ab eis quaeritur (42)

Ora bem, Gil Vicente, no *Triunfo do Inverno* (43), regista, com enorme precisão, a devoção dos navegantes a S. Pero Gonçalves, pintando-nos ao vivo uma cena de temporal e os gritos suplicantes da marinhagem, na carreira da Índia. O melhor é resumir o auto vicentino, quanto ao essencial para o presente estudo, e transcrever depois o episódio central, quando o Corpo Santo (ou Frei Pero Gonçalves) aparece no topo dos mastros.

(39) JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, *Mapa de Portugal*, t. 3 (Lisboa, 1763) p. 396.

(40) FREI AGOSTINHO DE SANTA MARIA, *Santuário Mariano*, t. 1 (Lisboa, 1707) pp. 344-345.

(41) *España Sagrada*, t. 23 (Madrid, 1767) pp. 286-288.

(42) *Ib.*, p. 287.

(43) GIL VICENTE, *Copilaçam de todas as obras...* (Lisboa, 1562) fls. 174v.-183v.

O Inverno, tormento dos pastores, obriga até os ermitães a recolherem-se nas suas celas, como raposas nas tocas. Calam-se os rouxinóis, fecham-se as portas e janelas, morrem os jardins. Vento e frio. Gelam as ribeiras e a neve cai na aspereza dos montes.

De olhos fitos no Verão acolhedor e longínquo, um vaqueiro arrenega do mau tempo. Ainda assim, canta e dialoga com o Inverno.

Nisto, chega a tiritar o pastor João Guijarro, também cantando: «Por do passaré la sierra / gentil serrana morena?»

Tudo gastou em flores, de coração preso a uma zagala bonita. E agora, sem uma samarra, desabam sobre ele as tormentas invernais, cai neve e a fome aperta.

A seguir, chega a velha tonta. E eis que, um pouco adiante, a cena muda para os mares da Guiné. O Inverno quer agora vencer nas rotas marítimas dos portugueses, a caminho da Índia, onde navega uma barca manhosa, com um piloto, um marinheiro e grumetes de farsa. E no meio dum temporal desfeito, ouve-se o apito do piloto a dar ordens: *pii pii pii!*

Pobre homem! Aflige-se no meio de tentativas inúteis para manobrar a barca mal-aventurada, onde não há grumete que valha um caracol. Mesmo o piloto pouco entende da arte de marear. Piloto para a Guiné, não para a Índia.

O marinheiro resmunga que os erros de manobra pagam-se caros. E o Inverno faz desabar contra o barco uma trovoadá terrível, na noite fechada. O piloto desata a chorar e invoca os santos:

Oo virgem da luz senhora,
sam Jorge, sam Nicolao ⁽⁴⁴⁾.

Zanga do marinheiro. Deixe os santos em paz e acuda antes à nau! Piloto, mande amainar esta vela! Colha a mezena e segure-a!

Qual amainar! Os grumetes não entendem as ordens, a

(44) *Ib.*, fl. 179v.

nau está em risco de soçobrar e o piloto grita por Nossa Senhora de Monserrate.

O mar e os ventos sacodem o barco cada vez mais, tremem os grumetes e o próprio marinheiro chama por Jesus e S. Tiago e faz promessas à Senhora da Luz.

Por seu lado, o piloto invoca a Senhora da Batalha, enquanto um grumete faz a promessa estúpida duma carga de palha à Virgem do Loreto ⁽⁴⁵⁾.

Até aqui, nada de extraordinário. Eis senão quando, escutamos as súplicas do marinheiro e do piloto a Frei Pero Gonçalves, enquanto um grumete descrê de santo que anda no meio de tal ventania. Estamos, como é evidente, na presença duma aparição do Corpo Santo, repetindo os marujos as frases já nossas conhecidas dos mareantes da rota da Índia, só com a diferença de aqui nomearem claramente Frei Pero Gonçalves:

MARINHEYRO

Eyllo pricioso santo
frey Pero Gonçalves bento!

PILOTO

Emparanos de tanto vento
co teu precioso manto,
senhor solibra noos a mallo.

GRIGÓRIO

Demos aa bomba, piloto,
day oo demo frey Gonçalo
e sam frey Pero minhoto

(45) *Ibidem.*

PILOTO

Hé o bem aventurado
frey Pero Gonçalves bento.

GRIGÓRIO

Sancto que anda com tal vento
nam hé elle senam peccado,
pollos sanctos evangelhos ⁽⁴⁶⁾.

Trecho bastante elucidativo este, de invocação dos mareantes ao bem-aventurado Frei Pero Gonçalves. Trecho para ser examinado, na sua representação teatral, de acordo com a tradição hagiológica e as descrições das viagens da Índia, acima transcritas ou resumidas, quando o Corpo Santo aparecia no meio do temporal e a marinhagem, de joelhos, gritava por ele, cheia de esperança.

Por isso mesmo, o marujo de Gil Vicente exclamava para os companheiros, decerto apontando para a ponta do mastro, para a gávea ou para onde estava a misteriosa chama: Eis lá está o precioso santo Frei Pero Gonçalves!

E que responde o piloto? Suplica ao bem-aventurado dominicano que os ampare da ventania, com o seu precioso manto, e os livre do mal (paródia do final do pai-nosso em latim).

Estamos, porém, numa representação de comédia. A troça há-de surgir, aqui ou além. Por isso, o grumete Gregório berra para o piloto para dar mas é à bomba, a fim de a barca se não alagar de todo, e que mande ao diabo Frei Gonçalo e S. Frei Pero Minhoto.

Cómico do género vicentino, a raiar pela irreverência (segundo os cânones de hoje). E se chama *minhoto* a Frei Gonçalo, talvez seja por o seu corpo estar em Tui, onde foi cónego antes de ser frade. De Tui ao Minho era só um fio de água —

(46) *Ib.*, fls. 179v.-180.

e enfim, é um ignorante que fala, no seu estilo de pouco mais ou menos.

Alijam a carga, deitam as arcas ao mar, quebra-se o mastro e o marinheiro chama por Santa Maria da Graça: «Oo virgem Maria da Graça»... Tudo se esfrangalha. E o grumete Gonçalo, a propósito de se ter partido uma tranca, exclama, num remoque a Frei Pero Gonçalves: «Ora chamay a sam frade / que vos ponha outra de cana» (47).

Caso interessante: a partir da aparição do Corpo Santo, a marinhagem deixou de invocar S. Tiago, Nossa Senhora da Batalha, Santa Maria do Loreto e Santa Maria da Luz, para só clamar por Frei Pero Gonçalves e Nossa Senhora da Graça. Porquê, Nossa Senhora da Graça? Por ser ela precisamente a padroeira da ermida do Corpo Santo, segundo vimos atrás. Na alma dos mareantes (e na de Gil Vicente) a união das duas imagens dava-se com a prontidão fácil das coisas habituais — e eles andavam acostumados a ver na mesma igreja a Virgem da Graça e o santo dominicano, protector da gente do mar.

O resto do *Triunfo do Inverno* pouco interessa, para o nosso caso. Zanga-se o marinheiro, cantam as sereias e, após a tempestade, vem a bonança (tanto mais que aparição do Corpo Santo significava sempre, para a marinhagem, barco levado a salvamento). Nós limitamo-nos a acentuar que Gil Vicente faz entrar S. Pero Gonçalves num dos seus autos e estava bem ao corrente das devoções dos mareantes. E sem o conhecimento do Corpo Santo e de Frei Pero Gonçalves, da Ordem dos Pregadores, a sobredita passagem da tempestade na carreira da Índia tornar-se-ia menos compreensível.

Era uma devoção antiga entre nós, a de S. Pero Gonçalves. Em 1398, muito antes de Gil Vicente, D. João I, no cerco de Tui, tomou precauções para não prejudicar a sé desta cidade, «domde he fama que jaaz o corpo de Frey Pedro Guomçallvez» (48).

No *Fogo de Santelmo*, tardiamente chegado às nossas mãos, pode o leitor encontrar, além da bibliografia, documentos de

(47) *Ib.*, fl. 180.

(48) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, t. 2 (Porto, 1949) p. 369.

toda a espécie sobre a expansão religiosa e marinheira do culto de S. Pero Gonçalves: confrarias, capelas, painéis de azulejos, quadros, gravuras, frescos (por exemplo, em Setúbal), imagens, registos e gravuras ⁽⁴⁹⁾.

Este ambiente religioso vinha de longe e explica a facilidade com que o público vicentino compreenderia a sobredita cena do *Triunfo do Inverno*, facilidade menos possível nos tempos de hoje.

MÁRIO MARTINS, S. J.

(49) AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA, *Fogo de Santelmo* (Lisboa, 1943). Convém ajuntar o seguinte: JOSÉ ROSA ARAÚJO, *Um «Fresco» de São Telmo*, em «O Comércio do Porto», 13 e 27 de Agosto de 1968. Trata-se dum fresco aparecido na igreja paroquial de Santa Leocádia de Geraz do Lima e reproduzido em gravura, no referido estudo. Frei Pero Gonçalves tem por cima o nome de Corpo Santo (*Corpus Sanctum*) e uma vela acesa na mão. À sua direita, está S. Gonçalo de Amarante, também vestido de dominicano. E à sua esquerda, S. Amaro (S. *Maurus*), beneditino e não dominicano, como por engano diz José Rosa Araújo.